

# Somos todos comunicação

Josimey Costa e Graça Pinto Coelho\*

As universidades evoluíram, na Europa, das escolas de estudos gerais (*Studia generalia*), abertas a eruditos de todos os países, para educar padres e monges. Originalmente, eram sociedades ou corporações de estrangeiros que se juntavam para protegerem-se em terras estranhas. No séc. 13, universidades de eruditos desenvolveram-se em organismos jurídicos com estruturas administrativas bem definidas. As primeiras universidades europeias datam de 1088. Por um longo período, os principais assuntos estudados eram as ciências humanas, a jurisprudência e a teologia, que era o mais importante. No séc. 17, a Revolução Científica, com a ascensão do racionalismo como paradigma, provocou a gradativa ampliação do circuito universitário.

Numa universidade contemporânea, se repassa o saber discursivamente formulado e se transforma cada uma das esferas da experiência humana num saber racional, assegurando-se a sua utilização técnica.

Mas o que isso tem a ver com comunicação?

Na comunicação, no olhar do outro é que o ser humano se constitui enquanto tal. É pelo reconhecimento dos outros seres humanos, resultante da comunicação, que nós nos identificamos como também humanos. Portanto, sem comunicação não há vida humana. Comunicar é, ainda, o ato de tornar comum, fazer saber. Mas um ato de tornar comum que visa a uma nova ação.

É óbvio, assim, que as universidades não existiriam sem comunicação social. No entanto, é menos óbvio o quê as universidades podem fazer pela comunicação humana.

O papel da universidade não é apenas produzir técnicos de nível superior. Nem que sejam profissionais da comunicação social, da comunicação de massa, como os que fazem este jornal. Há outras. Do ponto de vista da formação humana, e não somente das habilidades técnicas e do conhecimento descarnado, poderíamos dizer que buscar uma formação crítica, o conhecimento dos princípios do saber acima das suas aplicações, isto é o saber universitário. É isto que uma universidade deve ser capaz de produzir.

Qual é mesmo, porém, a necessidade desse saber em nossas vidas?

Temos raras oportunidades de refletir sobre o que fazemos e sobre como o fazemos nestes tempos em que se vive, simultaneamente, todas as dimensões contraditórias da história, nestes tempos em que as horas se transformam celeremente em segundos. Se as universidades formam profissionais capazes de refletir e atuar nos processos da comunicação - ou seja, no próprio cerne da vida social - poderemos intervir conscientemente na construção do mundo em que vivemos, na sociedade em que estamos inseridos. Poderemos, efetivamente, dirigir os nossos destinos.

Utopia? Talvez. Especialmente se continuarmos a trilhar o caminho que já estamos seguindo. Fazer pensar, levar a conhecer não é fácil, nem se consegue de qualquer jeito. As sociedades humanas evoluíram a tal ponto que o construir o conhecimento e conhecer o próprio processo de conhecimento são aventuras cada vez mais complexas. No mínimo, é preciso condições adequadas. No caso das universidades, espaços físicos, laboratórios, instrumentais, equipamentos. É indispensável, também, a

presença daquela lendária figura, que povoa os sonhos da nossa infância e entra na constituição de qualquer ser humano adulto letrado, contemporâneo: o professor. E condições e presenças, em nossas sociedades, não se estabelecem sem custeio, sem vontade política e sem pressão social.

Vamos abrir mão disso tudo só porque o governo quer?

**\* Professoras do Departamento de Comunicação Social da UFRN.**